



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

UM PÉ NA PAISAGEM COMO PROPOSTA DE ENSINO

SANT'ANNA, Camila Gomes (1)

(1) Professora Substituta de Urbanismo e Arquitetura da Paisagem/ Coordenadora do Atividade Complementar Pé na Estrada, UnB – FAU, cgomessantanna@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é compartilhar impressões sobre a atividade complementar Pé na Estrada, elaborada por um grupo de alunos e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB). O Pé na Estrada é um projeto de iniciativa estudantil que almeja, por meio de viagens e de passeios urbanos, estimular no aluno sua capacidade de ler, entender e repensar a paisagem das cidades brasileiras de modo geral e, aquela cotidiana, do Distrito Federal e dos campi na UnB. Procura-se analisar a atividade complementar como ponte entre o conteúdo teórico-prático debatido em sala de aula e a realidade das cidades, instigando o aluno a transformar as paisagens das cidades hoje e amanhã, a partir da compreensão dos aspectos subjetivos e objetivos que as compõem.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; paisagem; viagens.

1. INTRODUÇÃO

A primeira edição do Projeto **Pé na Estrada** foi idealizada pelos professores Elane Peixoto e Ricardo Trevisan com uma viagem para Goiânia em 2011. Ela buscava levar a realidade das cidades brasileiras ao conhecimento e repertório dos alunos de Arquitetura e Urbanismo. Inicialmente, quando o projeto foi retomado pelos alunos em 2013, o principal foco era dar continuidade à proposta, desenvolvendo viagens didáticas com alunos da FAU-UnB. Nos dias de hoje, essa atividade está caminhando para sua quarta edição, após ter percorrido Curitiba (agosto/2014), Belo Horizonte, Inhotim, Ouro Preto (março/2015) e Rio de Janeiro (outubro/2015).

Além de desenvolver viagens didáticas em cidades-chave para a compreensão da pluralidade arquitetônico-urbanas e paisagísticas brasileira, o projeto expandiu suas ações, criando novas vertentes. Essas vertentes convidam o aluno, mediado por professores e por alunos que integram a equipe Pé na Estrada, a lançar um olhar sobre as múltiplas escalas da paisagem do Distrito Federal e seus diferentes valores subjetivos e objetivos.

A primeira aproximação com a paisagem intitula-se, **Ponta Pé**, e convida o aluno a ver além do olhar desavisado, as formas urbanas e sociais dos intramuros dos *campi* universitários. Tal ação introduz não só as bases teórico-práticas que influenciaram o desenho urbano-arquitetônico e ambiental dos campi universitário, mas também objetiva realizar uma análise pós-ocupacional dos seus espaços. O aluno é estimulado também a vivenciar espaços, os quais não fazem parte da sua prática cotidiana.

A próxima aproximação, **Pé na Esquina**, tem como objetivo compreender a dinâmica urbano-paisagística do Distrito Federal, em deslocamentos em velocidades distintas, a pé, de ônibus ou de metrô, elencando suas potencialidades e limitações urbano-ambientais. Por exemplo, qual o impacto do uso monofuncional na cidade ao nível dos olhos de cada

indivíduo? O que faz com que todo morador da região administrativa do Guará goste tanto daquele lugar?

O último passo, **Pé com Pé**, promove por meio de palestras, eventos, mesas redondas e visitas agendadas, uma troca de experiências entre alunos, professores, instituições e profissionais ligados diretamente ou não à Arquitetura. O objetivo é desenvolver no aluno a sua capacidade de ressignificar as suas paisagens, ao analisar as superposições e distanciamentos de seu modo de ver o mundo com os da alteridade.

Frente a essas ações, indaga-se se essas vertentes colocam-se como uma ferramenta pedagógica complementar indispensável para se superar às limitações das abordagens paisagísticas cotidianas de sala de aula. Afinal de contas, quais as construções pedagógicas e culturais que surgem ao se transformar os diferentes espaços da cidade em sala de aula? A relação corpo-cidade vivenciada pelo aluno, que rompe com a apreensão passiva, sentada e relatada da sala de aula, é capaz de transformar seu modo de sentir paisagens, por meio dos cinco sentidos? O aluno não só expande o seu horizonte de percepção, como também o questiona e o compara. Isso é fundamental para uma formação indivíduo-profissional mais humana e cidadã para com a paisagem que o rodeia.

O aluno começa a identificar os critérios de qualidade com respeito à paisagem do pedestre, segundo *GEHL* (2013, p. 239) (Figura 1 e Figura 2), discutindo as distâncias físicas e a capacidade de percepção dos seus elementos fixos (espaços públicos), flexíveis (instalações temporárias e eventos) e fugazes (apropriações inesperadas).

Proteção	<p>PROTEÇÃO CONTRA O TRÁFEGO E ACIDENTES – SENSÇÃO DE SEGURANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Proteção aos pedestres Eliminar o medo do tráfego 	<p>PROTEÇÃO CONTRA O CRIME E A VIOLÊNCIA – SENSÇÃO DE SEGURANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Ambiente público cheio de vida Olhos da rua Sobreposição de funções de dia e à noite Bom iluminação 	<p>PROTEÇÃO CONTRA EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESCONFORTÁVEIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Vento Chuva/ neve Frio/ calor Poluição Poeira, barulho, ofuscamento
Conforto	<p>OPORTUNIDADES PARA CAMINHAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Espaço para caminhar Ausência de obstáculos Boas superfícies Acessibilidade para todos Fachadas interessantes 	<p>OPORTUNIDADES PARA PERMANECER EM PÉ</p> <ul style="list-style-type: none"> Efeito de transição/zonas atraentes para permanecer em pé/ ficar Apoios para pessoas em pé 	<p>OPORTUNIDADES PARA SENTAR-SE</p> <ul style="list-style-type: none"> Zonas para sentar-se Tirar proveito das vantagens: vista, sol, pessoas Bons lugares para sentar-se Bancos para descanso
	<p>OPORTUNIDADES PARA VER</p> <ul style="list-style-type: none"> Distâncias razoáveis para observação Linhas de visão desobstruídas Vistas interessantes Iluminação (quando escuro) 	<p>OPORTUNIDADES PARA OLHAR E CONVERSAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Baixos níveis de ruído Mobiliário urbano com disposição para paisagens/ para conversas 	<p>OPORTUNIDADES PARA BRINCAR E PRATICAR ATIVIDADE FÍSICA</p> <ul style="list-style-type: none"> Convites para criatividade, atividade física, ginástica e jogos Durante o dia e à noite No verão e no inverno
Prazer	<p>ESCALA</p> <ul style="list-style-type: none"> Edifícios e espaços projetados de acordo com a escala humana 	<p>OPORTUNIDADES DE APROVEITAR OS ASPECTOS POSITIVOS DO CLIMA</p> <ul style="list-style-type: none"> Sol/sombra Calor/frescor Brisa 	<p>EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSITIVAS</p> <ul style="list-style-type: none"> Bom projeto e detalhamento Bons materiais Otimas vistas Árvores, plantas, água

Figura 01: Critérios de qualidade com respeito à paisagem do pedestre

Fonte: GEHL, 2013.

O aluno também compreende a paisagem a partir de diferentes distanciamentos:

XIII ENPEA

25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA



0-45 cm: distância íntima



45 - 120 cm: distância pessoal



1,2 - 3,7 m: distância social



Figura 02: Distanciamentos segundo Gehl

Fonte: GEHL, 2013.

Os alunos percebem os espaços de transição urbana como zona de experiência e compreendem o seu papel no desenvolvimento das atividades necessárias, opcionais e sociais da cidade (GEHL, 2003, p.21). Observa-se a importância da qualidade de ambientes externos, escala e do ritmo, a transparência, aos apelos de sentidos, textura e detalhes, diversidade de funções e ritmo das fachadas verticais (GEHL, 2003, p.78), coloca-se como imprescindível a promoção de uma paisagem urbana diversificada.

A metodologia proposta ambiciona convidar o aluno a traduzir em palavras as qualidades visíveis e invisíveis da paisagem urbana, descrevendo a natureza do lugar por meio do olhar, do tato, do olfato, do paladar e da audição. Como é a natureza de um determinado



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

lugar? Seus barulhos e silêncios? Quais os cheiros mais recorrentes? Principais texturas? O que dá vontade de degustar? Qual a melhor metáfora capaz de traduzir essa experiência? Baseado nos princípios teóricos introduzidos por *CULLEN* (2012), *HUCTHISON* (2012) e *LYNCH* (1980), almeja-se desenvolver no aluno a sua capacidade de entender, a partir de diferentes distanciamentos, a identidade e os significados de um lugar.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Viagem, Exposição e Manual

2.1.1 A viagem

Com o intuito de conhecer mais a fundo e propagar conhecimentos sobre as diferentes paisagens do Brasil, uma das vertentes do Pé na Estrada é a Viagem. Ela é organizada pelos alunos participantes da equipe com a colaboração de professores e funcionários da Universidade.

Os passeios urbanos nas cidades brasileiras, para tanto, desenvolvem-se em três fases.

1. Antes da viagem: os professores, alunos e funcionários se engajam na elaboração do roteiro da viagem, assim como na sua organização, reservas, inscrições, divulgação e elaboração de um kit viagem. Esse kit varia a cada edição, mas normalmente é composto por um caderno de desenho, uma camiseta, um cartão seguro saúde e outros brindes com a marca da atividade. Os professores que acompanharão o grupo ministram uma aula expositiva antes da viagem, fornecendo aos alunos uma preparação teórica sobre o destino. Os alunos ainda têm a oportunidade de participar de oficinas/workshops de desenho e fotografia.

2. Durante a viagem: cada professor fica responsável por conduzir o grupo em alguns pontos específicos e a equipe orienta os alunos sobre a realização do roteiro pré-definido (Figura 3). Os alunos participam dos "Momentos Pé na Estrada", que são momentos específicos para atividades determinadas antes da viagem. Durante esses momentos os alunos são incentivados a produzir desenhos, fotografias, montagens e projetos. Essas produções variam desde suas percepções, croquis, propostas de intervenções na paisagem da cidade e fotos que retratem como foi essa vivência, até um feedback dos alunos sobre como é o aprendizado em tempo real e in loco (Figuras 4 e 5).

**XIII
ENEPEA**
25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA



Figura 03: Alunos e professoras em frente à Igreja Nossa Senhora do Carmo em Ouro Preto.
Fonte: Salvatore Cicero, 2015.



Figura 04: Alunos em momento de desenho e anotações durante viagem ao Rio de Janeiro.
Fonte: Bárbara Gomes, 2015.



Figura 05: Aluno em momento de desenho e anotações em Inhotim (Brumadinho, Minas Gerais)
Fonte: Bárbara Gomes, 2015.

3. Após a viagem: Os materiais dos alunos são selecionados e uma exposição é organizada pela equipe Pé na Estrada. Após essa exposição, um Manual de Vivência sobre a cidade visitada é elaborado. Ele fica disponível para todas as pessoas que se interessem em saber mais sobre o destino a partir das impressões de futuros arquitetos e urbanistas.

2.1.2 A exposição

A exposição, como a penúltima etapa da viagem, é projetada com a expografia diretamente relacionada à cidade visitada e ao desenvolvimento da viagem. Por essa razão, a produção da exposição pós-viagem é um exercício realizado pelos próprios participantes do Pé na Estrada. A primeira exposição ocorreu a partir da segunda edição – destino Curitiba–, em que os trabalhos dos alunos foram dispostos pelos corredores dos ateliês da faculdade. Na terceira edição da viagem – destino Minas Gerais (Ouro Preto, Inhotim e Belo Horizonte) o projeto expositivo foi melhor estruturado com o auxílio da professora Ana Suely Zerbini, que possui experiência na área de cenografia e expografia. Foi possível expor os materiais produzidos em viagem de maneira mais elaborada que a exposição da viagem anterior, bem como utilizar de um espaço maior: esta foi realizada em um dos ateliês existentes no mezanino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (Figura 06).

XIII ENEPEA

25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

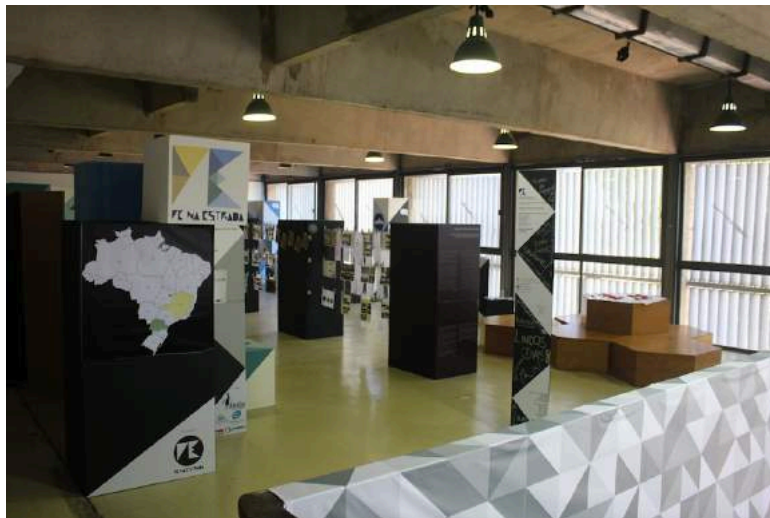


Figura 06: Exposição Minas Gerais
Fonte: Bárbara Gomes, 2015.

O último projeto de exposição, desenvolvido para a viagem do Rio de Janeiro, foi alocado no espaço da galeria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Este foi desenvolvido buscando aproveitar o espaço de uma maneira que abordasse as diferentes experiências vividas e os diferentes olhares da paisagem carioca bem como, o roteiro. Como a galeria conta com duas salas, a exposição foi dividida em duas áreas:

A primeira (Figura 07) mostrou o percurso que os alunos percorreram na cidade com textos, produzidos pela equipe, explicando os principais elementos arquitetônicos/urbanísticos, incluindo frases retiradas dos diários de viagens dos alunos, acerca de suas observações e impressões sobre a cidade. O objetivo de introduzir esses materiais desenvolvidos foi relacionar o roteiro proposto com a vivência e olhares dos alunos na cidade durante a viagem, para que além do conteúdo do texto informativo, o visitante pudesse absorver as experiências e reflexões dos viajantes acerca da paisagem carioca.

A segunda área (Figura 08) apresentou as outras vertentes do projeto, expondo fotos dos alunos nos passeios 'Pé na Esquina' e 'Ponta Pé'; fotos da coleção de joias inspirada no Rio de Janeiro desenvolvidas por uma das alunas participantes da viagem, Jeanne Miake; um dos

XIII ENPEA

25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

“Momentos Pé na Estrada” (sons da cidade: áudios gravados pelos alunos durante a viagem, puderam ser acessados pelos visitantes através de *QR codes* - aplicativo de celular, fazendo com que a ideia do olhar e reflexão sobre a paisagem do Rio de Janeiro não se desse apenas de maneira visual, mas também auditiva, inserindo-se no contexto em que aquele áudio foi registrado); os diários de viagem (que ficaram pendurados e distribuídos pela sala, de forma que as pessoas, ao circularem pela exposição, pudessem folhear a experiência individual de cada aluno); um mapa colaborativo (onde os visitantes tinham acesso a post-its, canetas e um mural com o mapa do Rio de Janeiro, onde podiam escrever ou desenhar sobre as diversas formas que as pessoas veem a cidade, baseado em suas histórias, memórias ou ideias sobre o que já ouviram falar da cidade, para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de visitá-la) e a produção de uma maquete com caixas de papelão, que tinha o intuito de representar as volumetrias das favelas cariocas (foi um artifício cenográfico para caracterizar a exposição, mas que também teve o objetivo de trabalhar a projeção mapeada a partir da reprodução de vídeos, áudios e documentários sobre a Arquitetura e paisagem do Rio de Janeiro) (Figura 09).



Figura 07: Sala 01 da Exposição RJ
Fonte: Amanda Vital, 2016.

**XIII
ENEPEA**
25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

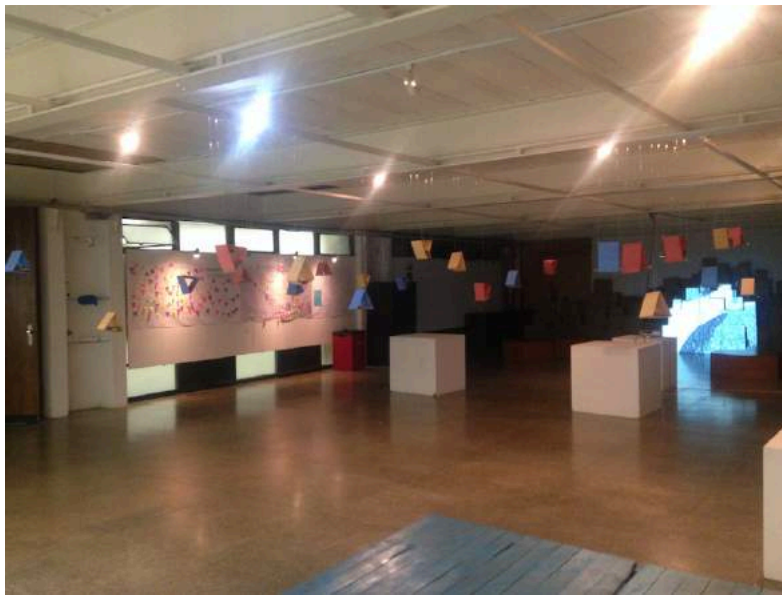


Figura 08: Sala 02 da Exposição RJ
Fonte: Marina Rebelo, 2016.



Figura 09: Projeção mapeada na favela de papelão, Exposição RJ
Fonte: Claudia Paiva, 2016.

O objetivo do projeto da exposição busca não apenas retornar o investimento que a universidade aplica ao projeto, mas também sensibilizar as pessoas sobre as inúmeras formas que uma cidade pode ser vivenciada, sentida e observada, de forma a ressignificar a paisagem na vista de quem visita a exposição, bem como as diferentes escalas que o projeto Pé na Estrada aborda.

2.1.3 O manual

O Manual é uma produção pós-exposição (Figura 10). Nele, encontra-se o roteiro da viagem em questão, as produções e impressões dos alunos e professores assim como projeto e execução da exposição. Além de ser um registro completo de cada edição da viagem, o manual também é uma forma de mostrar que alunos de arquitetura se expressam de diferentes maneiras e também é uma forma de mostrar as cidades, que na maioria das vezes já são conhecidas, de uma maneira diferente: com a visão de alunos futuros arquitetos e urbanistas.

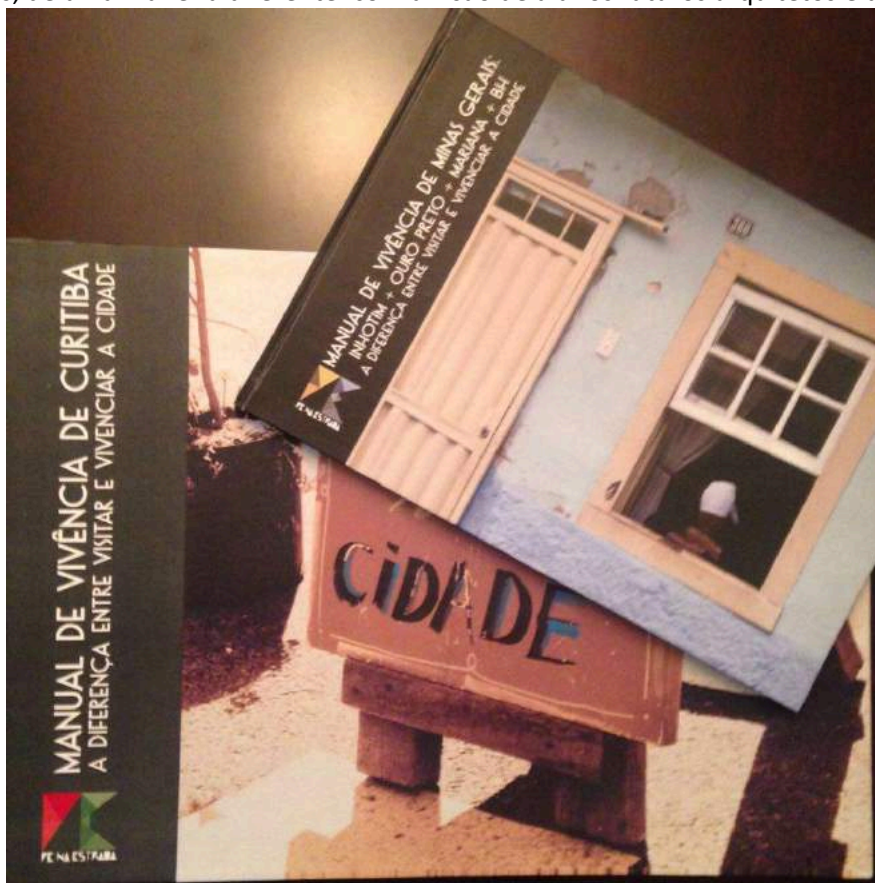


Figura 10: Manuais de Vivência de Curitiba e de Minas Gerais

Fonte: Marina Rebelo, 2016.

2.2 Vertentes

As vertentes que se desenvolvem na cidade são o Ponta Pé, o Pé na Esquina e o Pé com Pé, que são um convite aos alunos a compreender a importância da participação na instituição de uma paisagem mais democrática não só na universidade, como também na cidade de um

modo geral.

2.2.1 Ponta Pé

Como citado anteriormente, o Ponta Pé acontece nos *campi* da UnB. A ideia é conhecer um pouco melhor o espaço onde é vivida boa parte da formação acadêmica. Os passeios são acompanhados por professores da FAU/UnB e são voltados para todos os alunos da UnB, porém, principalmente para calouros.

Essa vertente já teve duas edições: “Cânones do Campus I” (Figura 11) e “Cânones do Campus II”. As duas aconteceram no Campus Darcy Ribeiro e tinham como objetivo entender os percursos dentro do campus e conhecer a história e a arquitetura de cada edifício e seus respectivos arquitetos. Na última edição, foi feita uma parceria com o Departamento de Arte, Cultura e Esporte da UnB (DEA), realizando o passeio na semana do calouro, buscando oferecer uma introdução do que é o *campus* e a vida universitária.

Nas duas edições, os participantes fizeram registros fotográficos, com o objetivo de revelar sua percepção daquele lugar, fazendo assim uma crítica do espaço, valorizando suas qualidades ou revelando as possibilidades de apropriação.



**Figura 11: Ponta Pé, edição “Cânones do Campus I”, coordenado pelos professores Carolina Pescatori, Eduardo Rossetti e Maribel Aliaga.
Fonte: Bruno Castro, 2015.**

2.2.2 Pé na Esquina

O Pé na Esquina visa conhecer o DF de uma maneira diferente, em parceria com professores, através de experiências de deslocamentos, percepções urbanas e obras arquitetônicas. Os passeios são abertos à comunidade universitária da UnB. Duas edições já foram realizadas no Plano Piloto, mas o objetivo é expandir para o Distrito Federal como um todo e realizar edições em cidades satélites, estudando crescimento populacional e a expansão dessas cidades.

XIII ENPEA

25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

A primeira edição teve como foco a Escala Monumental de Brasília, percorrendo o Eixo Monumental e desvendando os percursos e arquiteturas da cidade. Já na segunda, abordou-se a Escala Gregária (Figura 12), buscando entender a relação da cidade com as relações humanas. As duas edições foram coordenadas pelo Professor Eduardo Rossetti.



Figura 12: Pé na Esquina: Escala Gregária, coordenado pelo professor Eduardo Rossetti.
Fonte: Camila Sant'Anna, 2015.

2.2.3 Pé com Pé

A vertente Pé com Pé foi criada em 2015 e tem como objetivo criar uma rede de troca de conhecimentos com eventos, passeios e mesas redondas para estimular os alunos e participantes a questionarem ou olharem sob outra perspectiva a cidade, universidade ou carreira de alguma forma.

O primeiro Pé com Pé teve como tema “Cidade Real X Cidade Tombada” e contou com a participação de Juca Villaschi, Ana Paula Gurgel e Frederico de Holanda (Figura 13).



Figura 13: Pé com Pé, Edição “Ciclo de Palestras: Cidade Real X Cidade Tombada” com participação de Juca Villaschi, Frederico de Holanda e Ana Paula Gurgel.

Fonte: Equipe Pé na Estrada

Já no primeiro semestre de 2016, o Pé na Estrada já promoveu duas edições e em breve realizará mais uma. A primeira desse ano foi uma mesa redonda com o tema: “As possibilidades no mercado de trabalho para um arquiteto e urbanista” (Figura 14) que aconteceu em março. Essa edição contou com a participação de três profissionais convidados: Ana Suely Zerbini, que falou sobre arquitetura cenográfica, Danilo Barbosa, arquiteto responsável pela coordenação do projeto de sinalização de Brasília, e Gabriela Bilá, autora do Novo Guia de Brasília, que se formou recentemente, mas já possui inúmeros projetos em desenvolvimento no cenário brasileiro. A mesa redonda durou uma tarde e teve como objetivo despertar o interesse para outras áreas e abrir horizontes para os alunos que ainda possuem dúvidas quanto a suas carreiras profissionais na arquitetura.

XIII ENPEA

25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA



Figura 14: Pé com Pé, Edição “As possibilidades no mercado de trabalho para um arquiteto e urbanista” com participação de Ana Sueli Zerbini, Danilo Barbosa e Gabriela Bilá.

Fonte: Equipe Pé na Estrada

A segunda edição deste ano (Figura 15) aconteceu em maio e foi em parceria com a CAIXA Cultural. Foi organizada uma visita guiada à exposição “Frida Kahlo: Conexões entre mulheres surrealistas no México”. O objetivo dessa visita foi levar estudantes e funcionários da Universidade a um programa cultural e, com isso, incentivar novos olhares e acrescentar conhecimentos.



Figura 15: Pé com Pé na edição “Exposição Frida Kahlo no CCBB” durante o workshop de desenho



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

Fonte: Equipe Pé na Estrada

A terceira edição deste ano está sendo programada e acontecerá em maio de 2016. Uma aula magna com a arquiteta paisagista Rosa Kliass com o tema “Arquitetura Paisagística – Uma trajetória”. A realização é uma parceria entre a FAU UnB, o Pé na Estrada e o programa de extensão CASAS. A realização desse evento é de extrema importância para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília pois se torna uma oportunidade única de impulsionar o crescimento e interesse da área de paisagismo do curso, além de oferecer a oportunidade de conhecimento para todos os interessados no Distrito Federal.

2.3 Identidade Visual

A identidade visual é de extrema importância para o desenvolvimento do projeto. O logotipo do “Pé na Estrada” possui as letras “Pé” formadas a partir da composição de elementos triangulares. Para cada edição de cada vertente uma nova paleta de cores é criada (Figura 16) e assim a identidade visual para aquela edição é desenvolvida. Normalmente, cada paleta de cores é criada a partir da leitura de imagens que traduzam visualmente o local ou tema a ser conhecido. (Figura 17).



Figura 16.1: Logotipo Viagem Curitiba
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2014



Figura 16.2: Logotipo Viagem Minas Gerais
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2015



Figura 16.3: Logotipo Viagem Rio de Janeiro
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2015



Figura 16.4: Logotipo Viagem Salvador
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2016



Figura 16.5: Logotipo Ponta Pé Cânones do Campus I
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2015



Figura 16.6: Logotipo Ponta Pé Cânones do Campus II
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2016



Figura 16.7: Logotipo Pé na Esquina Escala Monumental
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2015



Figura 16.8: Logotipo Pé na Esquina Escala Gregária
Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing, 2015

XIII ENPEA
25 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
 23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA



Figura 16.9: Logotipo Pé com Pé: Cidade Real x Cidade Tombada
 Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing. 2015



Figura 16.10: Logotipo Pé com Pé: Possibilidades
 Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing. 2016



Figura 16.11: Logotipo Pé com Pé: Exposição Frida Kahlo
 Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing. 2016



Figura 17: Desenvolvimento da Paleta de cores para a viagem de Minas Gerais (Inhotim, Ouro Preto e Belo Horizonte)



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL
13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

Fonte: Equipe Pé na Estrada – Marketing. 2015

2.4 Organização

A equipe Pé na Estrada é composta por alunos da graduação e por dois professores coordenadores. Com duas reuniões semanais, a equipe registra suas decisões e tarefas em atas. Aplicativos e elementos como *e-mail*, *dropbox*, *whatsapp* e *trello* ajudam a organizar e atualizar as atividades e arquivos. A equipe se organiza em funções (roteiro, financeiro, marketing, infraestrutura, relações e apoio) e coordenações (coordenação geral, da viagem, do ponta pé, do pé na esquina, do pé com pé, da exposição, do manual e da sala). Todas as tarefas são planejadas e organizadas de acordo com cronograma anual e o coordenador de cada vertente é responsável por elencar e administrar a realização das atividades necessárias para acontecimento do projeto.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Todas essas experiências que se inserem nas atividades do Pé na Estrada transformam a percepção das paisagens da cidade. Paisagem aqui entendida, segundo *BERQUE* (1994), que [...] não se limita as informações visuais do mundo que nos rodeia. Ela é sempre especificada, de uma certa maneira, pela subjetividade do observador; a subjetividade que é mais que um simples ponto de vista. O estudo da paisagem é, então, muito mais do que as características morfológicas de um sítio. E, inversamente, a paisagem não é apenas o espelho da alma. Ela refere-se aos dois objetos em questão, os quais existem realmente ao nosso redor (*BERQUE*, 1994, P:5).¹

Dentro dessa perspectiva, o aluno que participa do projeto é convidado a construir, a partir da leitura objetiva das características morfoclimáticas do sítio e empenhado na unicidade de sua subjetividade, o que seria a Arquitetura da Paisagem de um determinado lugar. Essa ação dialoga com a proposta de *CARERI* (2003), de que a veduta paisagística, guiada pelo caminhar como prática estética na cidade, não somente contempla como também expande a percepção do observador. Para *ZEIN* (2011),

[n]a arquitetura, como em outras atividades de criação de cunho artístico, a percepção clara começa pela descrição, que se fundamenta no saber ver. Por isso, é importante vivenciar, coletivamente, as paisagens que estudamos no âmbito da sala de aula para o enriquecimento do olhar crítico do aluno (*ZEIN* in *KLIASS*, 2011, p:16).

O olhar rompe também com a sua experiência cotidiana e com sua formação primária, uma vez que é uma vivência urbana complexa, marcada por estratos vegetativos, morfologias, climas, culturas, muitas vezes diversas daquelas que é habituado. Por isso, o aluno é instigado a expor esse olhar, criticá-lo e, se necessário, redefini-lo. Neste contexto, ele compreende dois conceitos que segundo *KLIASS* (2011) são primordiais para a elaboração de um projeto em arquitetura da paisagem: o caráter e a escala. O caráter resulta da escolha acertada das melhores formas e composições vegetativas para um *genius loci* específico, já a escala refere-se ao entendimento das diferentes escalas de projeto: ambiente, cidade, arquitetura.

Com o intuito de registrar a construção dessa percepção, a atividade estimula o aluno a gravar, filmar, desenhar aquilo que está percebendo. Para *HUTCHISON* (2011) tal ato é uma grande contribuição à formação de um projetista,

[t]ais registros podem não ser originais, mas representam uma impressão pessoal e intuitiva que poderá ser fundamentada através de pesquisas posteriores. O exercício contínuo de desenhar na paisagem contribui para o desenvolvimento de um portfólio de pensamentos e para a produção de um catálogo de referências pessoais de ideias para o projeto, promovendo o conhecimento real da disciplina de desenho na paisagem (*HUTCHISON*, 2011, P:16)

¹ Tradução da autora.



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

O Projeto Pé na Estrada tem crescido rapidamente e mantido como objetivo possibilitar a descoberta de um novo olhar para estudantes de arquitetura e urbanismo. Além dos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, o projeto têm sensibilizado cada vez mais pessoas justamente por esse crescimento que se reflete nas vertentes Ponta Pé, Pé na Esquina e Pé com Pé. Assim, o modo como as pessoas observam a paisagem é transformado pela possibilidade de contato com o novo a partir do auxílio de diferentes profissionais e interessados resultando em diferentes percepções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto, então, auxilia o aluno na construção da sua forma de projetar, mais especificamente, na definição de qual seria, segundo seu repertório, a melhor maneira de entender a história da paisagem de um lugar e as características do seu contexto urbano, assim como as expectativas de sua população. Essa construção é possível graças ao entendimento das quatro escalas que o projeto proporciona: a pessoal (troca de experiências), a local (*campi* da UnB), a regional (Distrito Federal) e a nacional (cidades brasileiras).

Nesse contexto, suas aspirações e impressões colocam-se como grandes chaves de leitura da identidade e do significado de um lugar, auxiliando o aluno no âmbito de um diagnóstico da situação para uma possível área de estudo ou intervenção, e na definição dos potenciais da área a serem reforçados ou fragilidades a serem aprimoradas, que o ajudará na definição de um futuro partido projetual e o seu conseqüente desenvolvimento. Quem se apropria dos trajetos da cidade pode redescobrir a sua paisagem urbana e entender o seu papel como arquiteto e cidadão.

O projeto como prática de ensino busca a compreensão da paisagem como elemento constituinte da formação profissional, acadêmica e pessoal quando se trata do aluno, mas, quando o foco é a cidade, a paisagem é o elemento chave do diálogo cidadão-cidade. Isso tudo só é possível através da vivência do cidadão em seu meio, o que o projeto busca proporcionar.

As perspectivas para o futuro do projeto Pé na Estrada são grandes, cabendo, portanto, agradecer, primeiramente, aos alunos da equipe Pé, Amanda Vital, Bárbara Gomes, Bárbara Vasconcelos, Brenda Oliveira, Camila Garrido, Gabriela Heusi, Isabella Rodrigues, Marina Rebelo, Rayan Sant'Anna e aos demais alunos que já participaram, bem como os docentes participantes e aos funcionários por se dedicarem a dinamizar a paisagem do território universitário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERQUE, Augustin. Cinq propositions pour une théorie du paysage. Paris: Champ-Vallon Collection Pays/Paysages, 1994.
- CARERI, Francesco. Walkscapes: el andar como práctica estética. Barcelona: Gili, 2003.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- HUTCHISON, E. O desenho no projeto da paisagem. São Paulo, Gustavo Gili Brasil, 2012.
- GEHL, Jan. Cidades para as pessoas. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- HUTCHISON, Edward. O desenho no projeto da paisagem. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2012.
- KLIASS, Rosa Grena. Desenhando Paisagens, Moldando uma Profissão. São Paulo: SENAC, 2011.
- LYNCH, Kevin. Imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- WATERMAN, T. Fundamentos de paisagismo. Rio de Janeiro: Bookman companhia, 2010.